



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E
TERRITÓRIO (ILATIT)**

GEOGRAFIA – LICENCIATURA

LILLIAM DOMINGOS DA SILVA

**A CULTURA CAIÇARA NA BAÍA DA ILHA GRANDE - RJ E O ENSINO DE
GEOGRAFIA**



Foz do Iguaçu

2022

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E
TERRITÓRIO (ILATIT)**

GEOGRAFIA – LICENCIATURA

LILLIAM DOMINGOS DA SILVA

**A CULTURA CAIÇARA NA BAÍA DA ILHA GRANDE - RJ E O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Augusto Rocha
Coorientadora: Prof. Dr^a Laura Janaina Dias Amato

Foz do Iguaçu
2022

LILLIAM DOMINGOS DA SILVA

**A CULTURA CAIÇARA NA BAÍA DA ILHA GRANDE - RJ E O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Augusto Rocha
UNILA

Coorientadora: Prof. Dr^a Laura Janaina Dias Amato
UNILA

Prof.^a Dr.^a Léia Aparecida Veiga
(UEL)

Prof.^a Dr.^a Juliana Franzi
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração LatinoAmericana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca LatinoAmericana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que esta pesquisa possa vir a contribuir, em especial ao povo tradicional do litoral brasileiro, aos quais me incluo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me capacitado a chegar onde estou hoje e me dado forças para superar as adversidades.

Ao meu professor orientador não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, compreensão e empatia durante minha trajetória acadêmica.

A minha querida coorientadora Laura, pelas valiosas contribuições.

Aos professores da banca pelas orientações...

Ao meu noivo por me incentivar a nunca desistir dos meus projetos e sonhos, por ser meu melhor amigo e estar sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de encorajamento.

Por todo apoio e carinho às amigas mais queridas que com certeza irei levar para além da graduação, Mayara, Fabricio, Douglas, Washington e Ariana.

Aos colegas que também ingressaram no curso de geografia em 2018, pelas inúmeras trocas de ideias e ajuda mútua, apesar de tudo conseguimos vencer todas as barreiras e obstáculos juntos.

Ao corpo docente dos cursos de geografia licenciatura e bacharelado, por todo conhecimento compartilhado ao longo destes anos.

E por fim, à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) pela experiência incrível, por todas as oportunidades e possibilidades, por todos os funcionários que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho e por todo aprendizado adquirido na academia.

RESUMO

Visto que os descendentes atuais do povo caiçara da Ilha Grande - RJ já não praticam mais os costumes da cultura como antigamente, a representação cultural local pode estar em um processo de desvalorização. À vista disso, questiona-se, “como o ensino de geografia pode ser usado como instrumento na valorização da cultura caiçara na Baía da Ilha Grande - RJ?” O trabalho busca contribuir para a visibilidade do tema, buscando caminhos nos quais o ensino de Geografia possa ser utilizado como instrumento de valorização em meio a uma crise de identidade. Para tanto, foi necessário a) entrevistar um professor da região e observar se possui especialização adequada para trabalhar esta temática e se considera importante abordá-la em sala de aula; b) analisar documentos oficiais, tais como: o Projeto Político Pedagógico, para averiguar se o documento que rege a escola foi construído pensando na educação do campo e o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que articula os conhecimentos e habilidades relacionados aos povos originários/tradicionais, no ensino de geografia. Ao investigar a existência de materiais didático-pedagógicos voltados para a questão cultural do povo caiçara, parte deste estudo está embasado na pesquisa documental. No que se refere às pesquisas bibliográficas, citase como temas principais a identidade cultural e territorial, bem como as metodologias ativas apoiadas nos preceitos da Pedagogia Histórico-Crítica. Por se tratar da análise de um território específico e de um grupo de indivíduos e sua comunidade, buscou-se, na segunda fase da pesquisa, adotar a metodologia de Estudo de Caso.

Palavras-chave: valorização cultural; identidade cultural; caiçaras; geografia.

RESUMEN

Dado que los descendientes actuales del pueblo caiçara de Ilha Grande - RJ ya no practican las costumbres de la cultura como antes, la representación cultural local puede estar en un proceso de devaluación. Frente a eso, la pregunta es, “¿cómo la enseñanza de la geografía puede ser utilizada como instrumento en la valorización de la cultura caiçara en la Bahía de Ilha Grande - RJ?” El trabajo busca contribuir a la visibilización del tema, buscando formas en que la enseñanza de la Geografía pueda ser utilizada como instrumento de valorización en medio de una crisis de identidad. Por lo tanto, fue necesario: a) entrevistar a un profesor de la región y observar si tiene la especialización adecuada para trabajar este tema y si considera importante abordarlo en el aula; b) analizar documentos oficiales, tales como: el Proyecto Político Pedagógico, para verificar si el documento que rige la escuela fue construido pensando en la educación rural y el documento de la Base Curricular Común Nacional (BNCC) que articula los conocimientos y habilidades relacionados con el pueblo original/tradicional, en la enseñanza de la geografía. Al investigar la existencia de materiales didáctico-pedagógicos enfocados en la cuestión cultural del pueblo caiçara, parte de este estudio se basa en una investigación documental. En cuanto a la investigación bibliográfica, los temas principales son la identidad cultural y territorial, así como metodologías activas sustentadas en los preceptos de la Pedagogía Histórico-Crítica.

Como se trata del análisis de un territorio específico y de un grupo de individuos y su comunidad, en la segunda fase de la investigación se buscó adoptar la metodología del Estudio de Caso.

Palabras clave: apreciación cultural; identidad cultural; caiçaras; geografia.

ABSTRACT

Since the current descendants of the caiçara people from Ilha Grande - RJ no longer practice the customs of the culture as they used to, the local cultural representation may be in a process of devaluation. In view of this, the question is, "how can the teaching of geography be used as an instrument in the appreciation of the caiçara culture in Ilha Grande Bay - RJ?" The work seeks to contribute to the visibility of the theme, seeking ways in which the teaching of Geography can be used as an instrument of valorization in the midst of an identity crisis. Therefore, it was necessary to: a) interview a professor from the region and observe if he has adequate specialization to work on this theme and if he considers it important to approach it in the classroom; b) to analyze official documents, such as: the Pedagogical Political Project, to verify if the document that governs the school was built thinking about rural education and the document of the National Common Curricular Base (BNCC) that articulates the knowledge and skills related to the people original/traditional, in the teaching of geography. When investigating the existence of didactic-pedagogical materials focused on the cultural issue of the caiçara people, part of this study is based on documentary research. With regard to bibliographic research, the main themes are cultural and territorial identity, as well as active methodologies

Key words: cultural appreciation; cultural identity; caiçaras; geography.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa da Ilha Grande	18
Mapa 2 – Enseada do Abraão	27
LISTA DE FOTOGRAFIAS	
Fotografia 1 – Vista aérea da Ilha Grande	20
Fotografia 2 – Antigas construções, casa feita de barro e bambu	21
Fotografia 3 – Colégio Brigadeiro Nóbrega	29
Fotografia 4 – Lado direito do Mural Caiçara	29
Fotografia 5 – Lado esquerdo do Mural Caiçara	30
Fotografia 6 – Detalhe do Painel Caiçara	31
Fotografia 7 – Detalhe do Mural Caiçara	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conhecimentos e habilidades da BNCC	35
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ILATIT	INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E TERRITÓRIO;
UNILA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA;
BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR;
MEC	MINISTÉRIO DA CULTURA;
PPP	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO;

UFF

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CULTURA CAIÇARA NA BAÍA DA ILHA GRANDE	16
2.1 IDENTIDADE CULTURAL E TERRITÓRIO.....	21
3. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE VILA DO ABRAÃO E DA ESCOLA	25
3.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA.....	32
.....	30
3.2 ANÁLISE DE COMO A BNCC ARTICULA OS CONHECIMENTOS E HABILIDADES RELACIONADOS AOS POVOS ORIGINÁRIOS/TRADICIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	32
4 ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	37
 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	
38	
5 O ENSINO DE GEOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA CULTURA CAIÇARA A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO- CRÍTICA.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
43	
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXO 1.....	49

1 INTRODUÇÃO

O estudo da identidade territorial está correlacionado ao lugar em que vivemos, seja na questão cultural, crenças e costumes ou seja no modo de vida. Todos nós carregamos uma identidade cultural, pois esta diz sobre nossa vida no cotidiano, de maneira que nossa cultura se torna evidente nas nossas ações, valores e escolhas. Cada identidade é criada e desenhada ao longo da história de nossas vidas, como originalidades, particularidades e lutas de cada povo. Desta forma, cria-se uma cultura simbólica e particular, que se apresenta em cada lugar.

Visto que o mundo está cada vez mais globalizado, este assunto se torna agente de competitividade pois, desde os séculos passados, as terras são ocupadas e exploradas. Quando nos apropriamos de recursos presentes no meio em que habitamos, de maneira consciente ou não, construímos e reconstruímos identidades. Deste modo, reconhecemos que o poder é um dos componentes centrais na análise do conceito de território, por isso ele tem tanto uma abordagem de dominação no sentido mais concreto, quanto de apropriação no sentido mais abstrato. Ou seja, se as relações de poder têm vínculo com o território e o território com a identidade, podemos pensar também que as identidades formadas a partir desses territórios são influenciadas com as relações de poder.

Ser caiçara é ser habitante do litoral, é ter intimidade com as coisas do mar, com as técnicas relacionadas à pesca, conhecer o nome das árvores como quem conhece um amigo. Segundo Cristina Adams (2000), o termo caiçara significa homem do litoral, referente ao vocábulo tupi-guarani “caaiçara”. O termo é denominado a prática do homem litorâneo, a caça, delimitação de território, construção de armadilhas para captura de peixes e ferramenta dos pescadores. A autora discorre que os primeiros caiçaras surgiram da miscigenação durante a colonização quando os portugueses conviviam com os povos indígenas do litoral. Dessa convivência surgiu os mamelucos que culturalmente viviam da herança tupi-guarani, à base de pesca, caça, artesanato, agricultura de subsistência, além de criação de galinhas, porcos, e bois (ADAMS, 2000).

O povo caiçara possui descendência indígena, portuguesa e, em menor parte, de negros escravizados trazidos ao Brasil. Por viverem em zonas isoladas, criou-se uma cultura singular, como o modo de subsistir, festas com músicas e danças próprias, além de um estilo de vida baseado em atividades de agricultura, pesca,

extrativismo vegetal e artesanato. Há muitos anos, estas comunidades vêm sofrendo mudanças contínuas por causa do avanço do desenvolvimento capitalista em seu território. Estas mudanças acontecem de acordo com os interesses do capital, principalmente por meio do turismo. Desta forma, a população teve que ir se adaptando às novas práticas sociais, para se moldar forçadamente aos ciclos econômicos da região.

Nessa perspectiva, os descendentes atuais deste povo já não exercem mais os costumes da cultura como antigamente, tais como agricultura ou criação de gado, porém continuam sendo caiçaras em seu modo de ver o mundo, sua mística, sua música. No entanto, a história destes habitantes, bem como as técnicas de trabalho e subsistência, a intimidade com a natureza e até mesmo noções sobre ervas medicinais se tornam cada vez menos valorizadas, conseqüentemente, um patrimônio cultural de séculos vai aos poucos desaparecendo. À vista disso, questiona-se: como o ensino de geografia pode ser usado como instrumento na valorização e permanência da representação da cultura caiçara entre estudantes da Baía da Ilha Grande - RJ, em meio a uma crise de identidade?

Portanto, este estudo visa aproximar conceitos e resultados de pesquisa da Geografia Cultural com a Educação e os processos de ensino aprendizagem em Geografia. Se o espaço geográfico é representado por campos como educação, economia, sociedade e política, a cultura também encontra-se incorporada nesse ambiente. Defende-se neste estudo que, embora as relações da Geografia Cultural e a Educação sejam ainda pouco exploradas em pesquisas de cunho educacional, estas possuem múltiplas possibilidades a serem desenvolvidas podendo potencializar os processos de ensino e de aprendizagem, e a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

Na busca por possibilitar uma aprendizagem significativa, David Ausubel (1982) indica que o aluno precisa estar envolto em situações de aprendizagens que consiga levá-lo a ampliar e reconfigurar aquilo que já sabe. Partindo deste pressuposto, o autor considera que a criança sempre possui algum aprendizado quando chega à escola. Isso significa que devemos sempre considerar a realidade trazida por ela, pois esta possui uma bagagem de conhecimento que deve ser ampliado através do ensino escolar, livros e contexto social. Ausubel (1982) indica ainda que o professor instigue os estudantes com questões norteadoras de conteúdo, desde o início da aula, para que se possa conhecer os seus conhecimentos prévios, a fim de que, posteriormente

se crie o ambiente de aprendizagem ideal para que esses se conectem com conteúdo científico a ser ensinado na sequência.

A Instituição estudada está localizada na Vila do Abraão, comunidade inserida na Baía da Ilha Grande/RJ. Mediante a análise, será feita uma reflexão acerca das informações pesquisadas e sua aplicabilidade segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Dentre as análises, está a avaliação acerca do docente que participou da pesquisa, e se o mesmo considera relevante ensinar questões culturais na sala de aula e se a escola possui materiais didático-pedagógicos voltados para a questão cultural do povo caiçara. Esta pesquisa busca, inclusive, analisar como a BNCC (2018) trabalha a questão dos povos originários/tradicionais.

A presente pesquisa justifica-se pela hipótese de que há uma desvalorização da cultura caiçara. Entre outras notícias, nesse contexto, podemos citar o artigo de Leonardo Fuhrmann (2018), para a BBC News Brasil "A luta dos caiçaras para não perder herança do passado após ver terras virarem reservas ou condomínios". Segundo o autor, a conversa que teve com algumas pessoas de famílias que nasceram e cresceram dentro da reserva ecológica da Juréia (litoral paulista), revelou que elas não só foram expulsas de suas terras, como também não conseguem mais ter acesso ao lugar. Segundo uma das entrevistadas, dona Nerci, para eles só sobrou a pesca, uma vez que já não podem plantar e colher. Para Fuhrmann (2018), na ocasião do artigo, "a tradicional cultura caiçara, catalogada oficialmente e ligada a séculos de ocupação no litoral brasileiro, está se perdendo..." [...]. Esta reserva ecológica, em especial, foi criada pelo governo federal nos anos 80, quando se planejava construir usinas nucleares na região. A ideia da usina não prosperou, mas a reserva continua fechada para os caiçaras. Antonio Carlos Diegues, coordenador do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da USP (Nupaub-USP) é um dos intelectuais que critica a ação de exclusão do governo federal, pois não se trata apenas de território, mas da necessidade de isolamento para manutenção da cultura. Segundo Fuhrmann (2018): "Com a urbanização, tradições culturais também correm o risco de se perder, como o fandango caiçara, música folclórica com viola e pandeiro tocada em rodas feitas em casa". Cultura considerada patrimônio imaterial nacional desde 2012. Por outro lado, também se busca o reconhecimento oficial de outros aspectos típicos dessa cultura, como a canoa caiçara, feita a partir de um único tronco. Contudo, a própria Secretaria

Estadual do Estado de São Paulo afirma que a proteção ambiental é mais importante que a preservação da cultura dos povos tradicionais. Já o Ministério do Meio Ambiente considera o papel dos povos tradicionais importante para a conservação ambiental. Como vemos, a preservação cultural e ambiental está em um impasse neste contexto.

Portanto, é de suma importância que o aspecto histórico-cultural caiçara seja resgatado através da educação escolar. Almeja-se com esta pesquisa contribuir com a área, aproximando aspectos da Geografia Cultural com o Ensino de Geografia sobretudo por esta junção de ideias e conceitos serem ainda pouco pesquisadas e por trazer a ideia de possibilidades pedagógicas além das tradicionais, para auxiliar professores na valorização e permanência da cultura caiçara entre as novas gerações de estudantes da Baía da Ilha Grande.

A reflexão deste trabalho acerca da valorização e permanência da representação da cultura caiçara local visa colaborar para o debate sobre o tema, pois, é visível que as transformações de finalidades tradicionais, contrárias ao modo de vida dos habitantes nativos, comprometem sua permanência em seu âmbito de origem. Corroborando com isso, somente no ano de 2022, algumas pesquisas acadêmicas foram publicadas em artigos científicos que podemos encontrar no Google Acadêmico, tais como: "Repercussões socioambientais no planejamento urbano do município de Guaraqueçaba/PR: olhares decoloniais a partir da visibilidade dos territórios caiçaras". Esta pesquisa em especial "busca analisar o processo de luta e resistência pelo território vivenciado pelas comunidades locais a partir dos conflitos gerados pela entrada indevida do agronegócio, seguido da criação de uma Unidade de Conservação (UC), do turismo expulsivo e do avanço da especulação imobiliária na região do Litoral Paranaense". Em outro artigo: "Horizontes de devoção: paisagens culturais e diacronia no litoral norte de São Paulo", o autor articula as práticas devocionais presentes no município de Ilhabela, litoral norte de São Paulo. Ele buscou destacar os aspectos históricos com o intuito de dar noção à profundidade simbólica da devoção. Discute-se então a paisagem da devoção e a maneira que as práticas se inscrevem no espaço e no tempo. Por fim, outro artigo que corrobora com esta presente pesquisa: "As transformações e dificuldades no estilo de vida e cultura dos pescadores Caiçaras de Ubatuba". Neste trabalho de conclusão de curso, o autor André Arruda (2019) apresenta uma série de fotorreportagem que retrata a cultura e o estilo de vida dos caiçaras de Ubatuba/SP, apresenta as dificuldades e as transformações que estas comunidades estão passando. Nos depoimentos colhidos,

os caiçaras descrevem os impactos que estão sofrendo. Desse modo, e após percorrer estes artigos, espera-se que esta pesquisa contribua para que, através do ensino de Geografia, a comunidade caiçara da Ilha comece a observar com mais atenção às dinâmicas territoriais e preservem sua cultura local para assim conservar aspectos de sua identidade cultural.

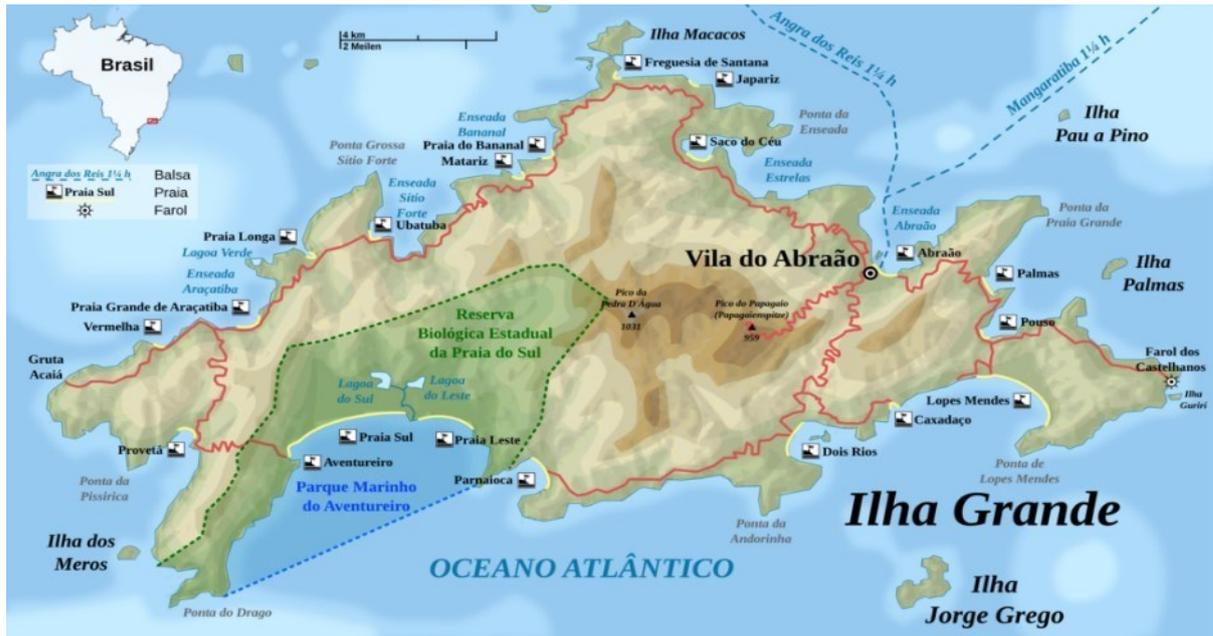
Entre os objetivos da pesquisa, cita-se verificar se o ensino de geografia tem valorizado a cultura caiçara local. Para alcançá-lo, foi realizada uma visita ao Colégio Estadual Brigadeiro Nóbrega para uma entrevista com professores de geografia da escola, além da análise de documentos oficiais como o Projeto Político Pedagógico para averiguar se o documento que rege a escola foi construído pensando na educação do campo.

Como metodologia de pesquisa, especificamente, este trabalho realizou, além de entrevista que foi feita com o único professor de Geografia do Colégio, foi realizada uma articulação entre pesquisa bibliográfica, por meio da colaboração de pesquisadores da área e uma pesquisa documental, quando analisa a BNCC. A pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de caso, com aspecto de pesquisa exploratória, uma vez que esta visa uma maior aproximação ou familiaridade com o problema/objeto de estudo, caracterizando-o, explicitando-o, descrevendo-o nos seus diversos aspectos, mas sem aprofundamento. Segundo Gil (2007), o estudo de caso envolve levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de elementos diversos (do conteúdo, do discurso, de exemplos) exatamente como foi realizado.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA CULTURA CAIÇARA NA BAÍA DA ILHA GRANDE

A “Ipaum Guaçu”, nome dado por índios Tamoios e expressão que significa Ilha Grande, foi descoberta no ano de 1502 por um homem chamado Gonçalo Coelho e é a maior das ilhas do litoral de Angra dos Reis (Jornal da Ilha Grande, 2016). Vale destacar que “Antes da descoberta oficial do Brasil, a Ilha Grande fazia parte da nação dos índios. Tamoio que habitavam no litoral brasileiro” (Jornal da Ilha Grande, 2016).

Mapa 01 - Mapa da Ilha Grande



Fonte: Wikipédia, 2022

A Ilha se localiza no município de Angra dos Reis no Estado do Rio de Janeiro e possui um conjunto de comunidades em seu entorno com uma diversidade étnico-cultural singular. A população da Ilha Grande é de aproximadamente 9.487 pessoas (IBGE, 2021). Suas raízes e identidade foram construídas por séculos através de uma relação socioespacial entre a população e seu território gerando assim, costumes, noções e conhecimentos. A cultura caiçara é típica nas regiões litorâneas, o termo “caiçara” se denomina para aqueles indivíduos e comunidades que vivem, principalmente ao longo do litoral dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro e é formada pela combinação de populações indígenas, negros, portugueses e colonos.

Segundo os autores do website ilhagrande.org, a Ilha Grande dispõe de belezas naturais muito singulares, cachoeiras, fauna e flora nativas da Mata Atlântica, além disso, possui 113 praias de variados tamanhos e especificidades e é rica em biodiversidade, possui relevo acidentado e montanhoso, dentre outras características. As comunidades caiçaras possuem um relacionamento ímpar com a natureza, tendo desenvolvido ao longo de sua vida conhecimentos profundos sobre seu local de origem. “A Vila do Abraão, que é o 3º Distrito do município de Angra dos Reis e a principal porta de entrada da Ilha Grande” (BARROS;RIBAS;MACHADO, 2022, p. 23). A ocupação caiçara da Ilha Grande possui vestígios das antigas moradias que remontam aos primeiros anos do século XIX. Essa cultura é característica do litoral dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, e teve como pilar as roças de

subsistência cultivadas em sistema de pousio. Vivendo da roça de subsistência, cultivando plantas com diferentes objetivos, pouco consumiam de alimento de outra fonte. Porém, a era da conservação oriunda da implantação de áreas protegidas na ilha, os cultivos foram reduzidos radicalmente. Os autores Barros, Ribas e Machado (2022) também destacam que a cultura caiçara persistiu em poucas localidades, como, por exemplo, na Vila do Aventureiro. Os moradores da Ilha Grande passaram, então, por muitas dificuldades econômicas, que se acentuaram, inclusive com o fechamento das fábricas de sardinhas em 1980. Além disso, com a intensificação do turismo aconteceram novas formas de trabalho para os moradores. "Grande parte abandonou suas práticas caiçaras de pesca e agricultura de subsistência para se adequar à nova realidade econômica"

(BARROS;RIBAS;MACHADO, 2022, p. 23).

Segundo o Jornal da Ilha Grande:

Há na Ilha 5 (cinco) unidades de conservação, são elas: Parque Estadual da Ilha Grande e o Marinho do Aventureiro, Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, cujo acesso é somente permitido a pesquisadores e pessoas autorizadas pelo INEA, Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Aventureiro e APA de Tamoios. As áreas de proteção ambiental visam a garantir a proteção da grande reserva de mata atlântica ainda existente e da vida marinha existente no entorno da ilha (JORNAL DA ILHA GRANDE, 2016).

Fotografia 1 - Vista aérea do Parque Estadual da Ilha Grande - APA dos Tamoios
- Baía de Angra dos Reis - Costa Verde - RJ - Brasil / Data: 2007



Fonte: Luiz Cláudio Marigo - tyba.com.br

Por consequência, as leis de proteção enfraqueceram a economia local baseada na comercialização de pesca e posteriormente o turismo entrou como principal fonte de renda na Ilha Grande e assim permanece.

As primeiras construções na Ilha eram feitas de bambu, barro e cipó com cobertura (teto) de sapê, o piso era de terra batida e a iluminação com lampiões. Quando bem feitas, a durabilidade destas construções é longa e, mesmo que hoje seja difícil de encontrá-las pela Ilha, ainda estão presentes em algumas comunidades.

Na Fotografia 2 podemos observar um modelo desse tipo de habitação.

Fotografia 2 - Antigas construções, casa feita de barro e bambu



Fonte: Acervo da autora. Praia de Passaterra, Ilha Grande.

A dança tradicional da cultura é o “calango”. Os instrumentos usados para a dança são o triângulo e a sanfona. Antigamente eram realizados vários eventos com iluminação de tochas que trazia várias comunidades de praias próximas. Hoje, o calango é pouco popular ou desconhecido pela atual geração de caiçaras da Ilha, visto que na maioria dos eventos o foco atualmente é o MPB e principalmente o forró nas pousadas e bares presentes nas comunidades.

Por bastante tempo os caiçaras criavam e vendiam artesanatos como miniaturas de barcos de madeira, canoas, redes e tapetes de saco de estopa bordados, porém, não tão diferente das construções de sapê, hoje em dia também é difícil encontrar artesãos

que mantiveram esta tradição. Inúmeros artesanatos vendidos no local são trazidos e encomendados em lugares distintos à Ilha e quando chegam são personalizados com o nome do local “Ilha Grande”, para que o turista possa comprar algo personalizado.

2.1 IDENTIDADE CULTURAL E TERRITÓRIO

Identidade cultural é o sentimento de pertencimento que um indivíduo tem diante de uma sociedade, ou seja, nossa identidade cultural está relacionada com quem somos e de onde viemos. A cultura pode ser considerada como um conjunto de símbolos e elementos que, ao mesmo tempo, criam esta noção de pertencimento. Quando pensamos nestes aspectos é fundamental notarmos como a identidade cultural está relacionada a questões raciais, identitárias, étnicas e principalmente como que historicamente um grupo tem uma ligação em um determinado território. Quando se pensa em cultura brasileira, não é possível falar de uma cultura que seja única ou que seja ao mesmo tempo genérica e homogênea, pois possui valores culturais extremamente misturados. Se tentássemos definir o que é ser brasileiro, não conseguiríamos dar uma definição única, se fosse, seria no mínimo um povo híbrido. Stuart Hall (2015) explica três concepções de identidade: o sujeito no iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito iluminista possuía um tipo de identidade interna, centrada e unificada, sendo capaz de pensar e agir por conta própria. Esta identidade permanecia a mesma ao longo de toda sua vida, sendo uma identidade interior. Já o sujeito sociológico surgiu junto com as revoluções dos séculos XVIII e XIX. Este sujeito já não era autônomo como o sujeito do iluminismo, sua identidade era construída a partir da relação com a sociedade à sua volta. A identidade não estava mais no seu interior, mas na interação entre a pessoa e o meio. O conceito de território foi incorporado na geografia ganhando o contorno geopolítico, sendo compreendido principalmente como um espaço físico em que um Estado se concretiza. O vigente conceito também é polissêmico, isso significa que é abordado de diversas perspectivas e pode ganhar significados diferentes. Claude Raffestin (1993) elaborou o conceito de território traçando as relações sociais de controle de dominação. O autor coloca os conceitos “espaço” e “território” em confronto para que se compreenda que antes de tudo vem o espaço, seguido do território, e o território se cria a partir do espaço, conforme o autor, “o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou trabalho, seja energia ou informação, e que, por consequência,

revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 143-4). Enquanto a produção territorial provém da “comunicação entre os modos de produção e o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p.152). Em síntese, a abordagem deste autor sobre o território é política e econômica.

Já Marcelo Lopes de Souza (1995), aborda uma outra concepção. Este autor estabelece as relações de poder no campo de tensão (conflito) traçando as diferenças culturais de grupos sociais distintos, superando, assim, as relações do Estado. Deste modo, o conceito de território não fica restrito apenas às perspectivas geopolíticas, podendo ser utilizado também para representar relações sociais através da utilização e apropriação do espaço geográfico por um indivíduo ou por um grupo de indivíduos através das relações de poder. Dentro desta perspectiva, espaço geográfico e território estão interligados, mas não são a mesma coisa, isso significa que o território não existe sem o espaço geográfico.

Ao se apropriar de um espaço concreto ou abstratamente, um ator ou um grupo de atores territorializa determinado espaço, transformando-o em um território. Em todo território haverá relações de poder. Portanto, em todo território haverá indivíduos exercendo poder sobre outros indivíduos e este poder pode ser exercido de formas diferentes, sejam elas brandas como uma forma de influência de um indivíduo sobre outro, ou sejam elas mais perversas e violentas como as guerras. Neste sentido, Raffestin (1993) define poder como sendo uma combinação variável de energia e informação, onde a energia seria a forma mais truculenta de se exercer o poder como a coerção e a força, e a informação seria mais branda como a manipulação e a simbologia.

Sendo co-extensivo a qualquer relação, torna-se inútil distinguir um poder político, econômico, cultural etc. Sendo toda relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente à manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a relação, a saber, a energia e a informação. [...] O laço entre o poder e o saber é evidente, mas não há nem informação pura nem energia pura. Trata-se de uma combinação das duas. (RAFFESTIN, 1993, p. 53-54).

A ideia de identidade territorial ganhou espaço de reflexão diante do uso explicativo que o conceito de identidade aparenta ter nos conflitos e também como fruto de um entendimento raso e marcado por estereótipos acerca das transformações aplicadas

em escala local. Desse modo, a identidade como consequência sociocultural, levanta o interesse dos estudos geográficos ao tornar-se admirado pelos ordenamentos territoriais.

Sendo assim, a identidade geográfica seria uma relação identitária capaz de unir uma sociedade ao seu espaço vivido, uma vez que o sentido geográfico da identidade iria além da extensão espacial do fenômeno identitário, sendo também um modo de representação dos laços de pertencimento que constroem o território. O espaço não seria apenas uma esfera da ação humana, mas também uma representação dessa ação humana, tomando para si os valores culturais produzidos neste espaço.

Para Fabio Pollice (2010), o território, por sua vez, seria uma parcela do espaço geográfico onde uma comunidade é capaz de reconhecer-se e relacionar-se nas capacidades individuais e coletivas e sua particularidade se dá através da interação entre a própria comunidade e o ambiente. Nesse sentido, a identidade geográfica é entendida como um produto cognitivo, consequência de um sistema de análise e representação capaz de esclarecer um certo contexto espacial de seu entorno. Pollice (2010) ressalta uma relação de interdependência e reciprocidade entre os conceitos identidade e território, diante da relevância da identidade nos processos de territorialização.

Quando o território, como espaço de pertencimento, transforma-se em um produto afetivo, social e simbólico, o mesmo é capaz de produzir as identidades locais. Por um lado, a identidade pode ser compreendida como fruto dos processos de territorialização e ainda como a causa desses processos. Uma outra perspectiva seria a territorialidade compreendida como meta e matriz das dinâmicas identitárias. A identidade possui uma função essencial nos processos de territorialização em todas as suas fases. Pollice (2010) destaca três fases distintas da territorialização: denominação, reificação e estruturação. Aqui, a territorialização é vista como consequência de uma competição, explícita ou não, entre os inúmeros valores coexistentes no espaço social.

A identidade é entendida como um fenômeno dinâmico, resultado da contínua interação entre uma comunidade e seu espaço relacional. Dessa maneira, a identidade territorial é capaz de auxiliar o desenvolvimento e a execução dos processos inovadores no âmbito local. Por isso, falar de identidade caiçara, na realidade é falar sobre ela e não dela diretamente.

De acordo com Pollice (2010), a inovação territorial, uma vez fruto das escolhas compartilhadas por uma parcela da comunidade local e das ações que atuam sobre o território, tem sucesso, já que o processo é facilitado quando existe uma percepção firme advinda de uma fragmentação cultural do qual esse território é uma expressão direta. Desse modo, pode-se reconhecer uma relação específica entre a realidade geográfica e a identidade territorial, a partir de uma relação de reciprocidade ausente de limites predefinidos incapaz de estabelecer interpretações homogêneas. Assim, a realidade geográfica pode ser entendida tanto como uma expressão da identidade territorial, como também uma transformação dessa identidade.

O fim da Segunda Guerra Mundial, fez surgir um novo meio de identidade, com isso, as identidades iluministas e sociológicas entraram em declínio, surgindo assim, o sujeito pós-moderno. Este sujeito é multifacetado, isto é, ele é capaz de assumir diferentes papéis, em diferentes situações. Não seria mais possível dizer que nascemos, vivemos e morremos com a mesma identidade, pois a identidade pós moderna é fragmentada e não é fixa. A partir deste momento, há uma descentralização do sujeito.

Uma comunidade local consegue conceder um valor simbólico a determinados elementos e assim torna-se possível reconhecer tais valores como expressão tangível da própria identidade territorial. Isso porque esses valores simbólicos são baseados na ideia de uma comunidade local, os *insiders*, apresenta sobre si própria e, por isso, não consegue estabelecer uma relação na visão dos *outsiders*.¹ Pollice (2010) destaca que são, justamente, esses contextos de identificação coletiva que possibilitam o reforço das identidades territoriais, fazendo com que essas identidades exerçam uma função estratégica em relação ao desenvolvimento local. Sendo assim, tanto a própria identidade territorial, quanto seus símbolos, se transformam ao longo do tempo. Essas transformações podem ser

1

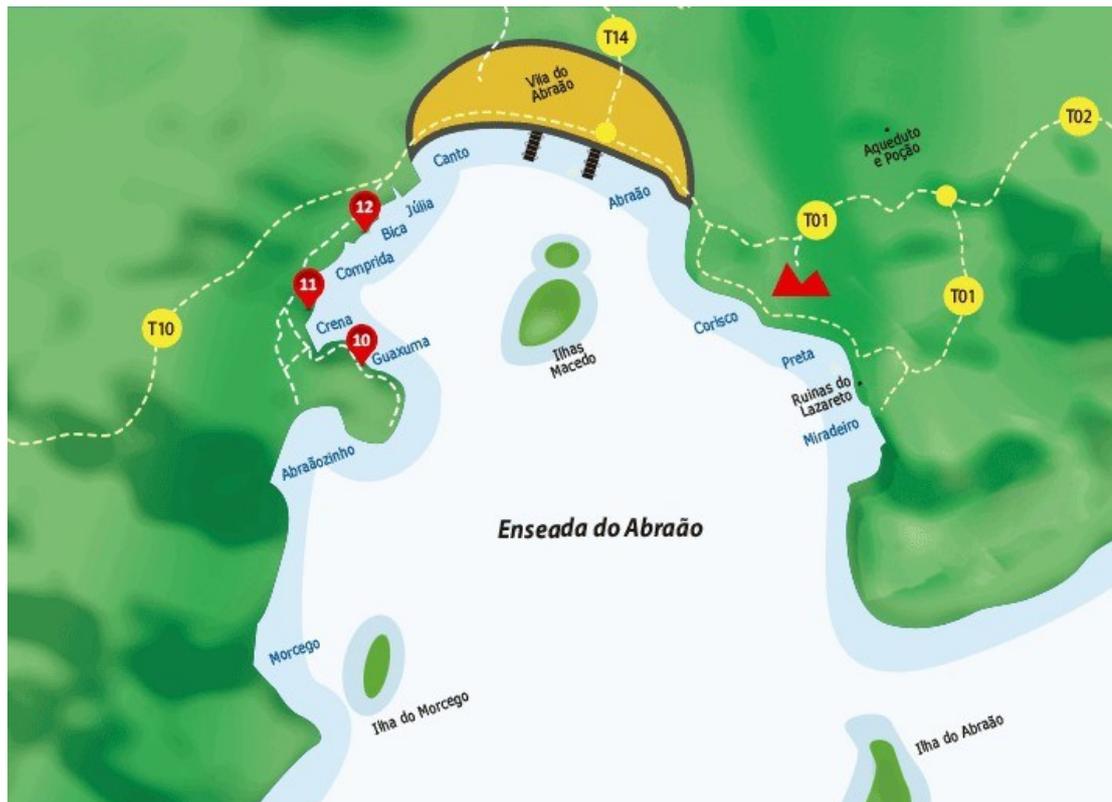
Insiders: algo íntimo, interno, conhecedor; pessoa que está por dentro; membro de um grupo. *Outsider*: aquele que não se enquadra na sociedade, que vive à margem das convenções sociais e determina seu próprio estilo de vida através de suas crenças e valores. Segundo Elias; Scotson (2000): "Quando o diferencial de poder é suficientemente grande, um membro de um grupo estabelecido pode ser indiferente ao que os outsiders pensam dele, mas raramente ou nunca é indiferente à opinião dos seus pares [insiders] — daqueles que têm acesso aos instrumentos de poder de cujo controle monopolista ele participa ou procura participar e com quem compartilha, no grupo, um mesmo orgulho, um carisma coletivo comum". RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2000. Livro disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0010/5204/elias-norbert-os-estabelecidos-e-os-outsiders-.pdf>.

fomentadas pela influência dos chamados *outsiders* sobre o território. Nessa perspectiva, em determinados momentos, a comunidade local pode ser levada a adaptar a visão sobre si mesma e também de sua especificidade cultural. Segundo Pollice (2010), isso ocorre quando os *outsiders* detêm uma cultura dominante e quando os mecanismos de desenvolvimento no âmbito local apresentam uma base necessariamente exógena. Portanto, seriam esses processos de manipulação das identidades dos locais, a explicação para as reflexões críticas relativas ao conceito da identidade e da utilidade que ela pode desempenhar no desenvolvimento local. Assim, existe a afirmação de uma identidade territorial compreendida como um meio de reação do local ocasionada pelas mudanças geradas pela esfera global, sendo uma autorrepresentação da comunidade local determinada pela “situação narrativa”. Pollice (2010) constata que a utilidade que impulsiona a identidade territorial, no contexto desenvolvimento local, deriva da importância que os valores identitários desempenham na organização do espaço e da vida social. Nesse sentido, cabe à matriz identitária, a partir de valores identitários radicados e compartilhados, determinar a existência ou não de uma relação colaborativa. Em contrapartida, o autor ressalta a existência de uma certa instrumentalização política das identidades territoriais relacionada à valorização das qualidades internas ou ao desenvolvimento de uma relação dialética com o contexto global. Nessa perspectiva, ele defende a existência de duas dimensões complementares, mas não alternativas de fato, em que não cabe ao local “resistir” ao global, mas sim “coexistir” com ele.

3. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE VILA DO ABRAÃO E DA ESCOLA

A Vila do Abraão é a maior comunidade de toda a Ilha Grande e por este motivo possui uma alta demanda de turismo. A comunidade é rodeada de florestas e natureza, cercada entre a Mata Atlântica, um mar de águas cristalinas e possui aproximadamente 3.000 habitantes (Jornal da Ilha Grande, 2016) e somente é possível chegar no local por transportes marítimos. “Um serviço de barcas liga diariamente a Vila do Abraão com Angra dos Reis e Mangaratiba, no continente, além de linhas particulares gerenciadas por agências de turismo” (Jornal da Ilha Grande, 2016).

Mapa 02 - Enseada do Abraão



Fonte: www.ilhagrande.com.br

A orla da Vila possui um vasto comércio e é repleta de atividades turísticas como passeio de barco, trilhas ecológicas, praias com águas tranquilas para lazer em família e possui hotéis, pousadas, campings, bares, restaurantes, mercados, farmácias, padarias, além de posto de saúde, escola primária, delegacia de polícia militar, e destacamento do corpo de bombeiros. É a principal comunidade da Ilha devido à sua infraestrutura (Jornal da Ilha Grande, 2016). As casas dos habitantes estão, em sua maior parte, na região alta da comunidade, sendo necessário a subida de ladeiras para chegarem onde residem. Algumas pousadas também estão inseridas no alto da Vila, mescladas com a morada dos caiçaras. Atualmente “a maioria dos habitantes tem sua renda baseada na atividade turística, embora algumas famílias tenham suas atividades voltadas para a pesca, possuam emprego público municipal e estadual ou trabalham na construção civil”.

A visita à escola foi realizada no dia 26/05/2022 (quinta-feira) no turno matutino. É possível chegar até a escola caminhando ou de bicicleta, pois fica localizada na Praça Cândido Mendes, em frente à praia. Atualmente o Colégio divide seu espaço com o Colégio Municipal da comunidade. Os corredores e as salas são organizados, além de muito bem conservados, a escola possui dois andares, sendo o andar de baixo pertencente à rede Municipal e o andar de cima à rede Estadual. O espaço

possui *wifi* com acesso liberado aos alunos, para fins pedagógicos, laboratório de informática, mídia, biblioteca, banheiro feminino e masculino, sala de coordenação pedagógica e direção - que atualmente dividem o mesmo cômodo por falta de espaço.

Atualmente, a escola não possui sala de professores, justamente pela falta de espaço. O refeitório é pequeno, porém possui uma ótima estrutura, de uso de ambas escolas: do Municipal e do Estadual.

Fotografia 03 - Colégio Brigadeiro Nóbrega



Autor: Silva, 2022

O Colégio conta com uma pequena área de lazer, onde os alunos podem passar algum tempo livre. Este espaço possui um painel representando a cultura caiçara (Fotografia 03).

Fotografia 4 - Lado direito do Mural Caiçara



Fonte: Silva, 2022

Fotografia 5 - Lado esquerdo do Mural Caiçara



Fonte: Silva, 2022.

A pintura deste mural artístico foi realizada por um jovem caiçara chamado Marcelo Júnior, mais conhecido na comunidade por Marcelo “Rasta”. Quando conversamos, Marcelo relatou acreditar no poder da arte para o fortalecimento cultural, o mesmo mobilizou este projeto no C.E Brigadeiro Nóbrega. O autor da obra explicou que a primeira pintura se trata de uma ave chamada Martim-Pescador, conhecida pelos habitantes da Ilha como “Cachá”, esta ave costuma ser pescada na costeira da

comunidade. A pintura ao lado é de Dona Marta e Seu Francisco, pais de uma antiga aluna - um casal caiçara bastante conhecido por sua solidariedade e enorme coração, segundo diz o próprio autor. O casal ajudou muitas pessoas em sua geração e além disso, Dona Marta foi parteira da comunidade, por longos anos, e profundamente querida por todos. Sendo assim, o motivo de estarem na presente pintura, foi o legado que ela e seu marido deixaram.

Dentre as pinturas, podemos observar uma casinha de sapê, que foi uma das primeiras construções do local, onde os caiçaras residiam outrora e ao lado uma senhora segurando um peixe, conhecido como corvina. Esta senhora se chama Neuseli, habitante nativa da Ilha, nascida na comunidade da praia do aventureiro, foi professora do colégio durante 31 anos e, na pintura, Neuseli demonstra felicidade ao segurar o alimento.

Fotografia 6 - Detalhe do Mural Caiçara



Fonte: Silva, 2022

A pintura na Fotografia 05, representa uma turma antiga do colégio com uma professora cujo nome é Maria, segundo Marcelo, ela zelou bastante pela escola quando foi inaugurada.

Fotografia 7 - Detalhe do Mural Caiçara.



Fonte: Silva, 2022.

As bananas simbolizam a antiga economia local (Fotografia 07). A praia na pintura é a de Lopes Mendes, que fica próxima a Vila do Abraão, para demonstrar que a pintura não se trata apenas de cultura, mas também de muita beleza e riqueza envolvida.

3.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Segundo Antoni Zabala (1998), o objetivo da escola é promover o desenvolvimento integral dos alunos. Para o autor, é por meio das relações construídas na escola e pelas experiências vividas que se estabelecem os vínculos e as condições que definem as ideias pessoais de si e dos outros. A partir dessa posição ideológica sobre os objetivos da educação escolar, é necessária uma reflexão profunda e consistente sobre o estatuto de cidadania dos estudantes e da sociedade em que vivem.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Brigadeiro Nóbrega, localizado em Vila do Abraão, Ilha Grande, no município de Angra dos Reis, RJ, foi elaborado em 2012. Consta no documento que este Colégio possui sua infraestrutura compartilhada com o Colégio Municipal. O Municipal oferece atendimento para a Educação Infantil e para Ensino Fundamental no período vespertino. Já o Colégio Estadual oferece o Ensino Médio, ela é ofertada nos turnos matutino e noturno.

Na questão de infraestrutura interna, nota-se que é um espaço pequeno, com 4 salas de aula e um espaço dividido para direção, secretaria, coordenação pedagógica e sala de professores. As salas de aulas possuem projetor *data show* para

que professores tragam recursos tecnológicos para o planejamento de suas aulas, além de dispor de TV e DVD. A Cozinha da escola é compartilhada juntamente com os serviços do município visando atender os dois públicos de alunos. Na visão social, de forma bem sucinta, só consta no documento que o colégio se apresenta como formador de cidadãos que possam transformar a sua realidade e a de sua comunidade.

Segundo o PPP (2012) do Colégio Estadual que atende ao Ensino Médio, a escola deve atender alunos oriundos, majoritariamente, de classe pobre e de trabalhadores (estes alunos devem frequentar o noturno). Contudo, dos pais e familiares, segundo o PPP (2012), não exige-se muita participação na comunidade escolar, sendo este um desafio que a escola visa obter mudanças e criar maneiras para atrair esta participação, a fim de melhoramento no rendimento escolar dos estudantes. Este PPP (2012) possui alguns elementos que demonstram uma preocupação em alavancar os índices acadêmicos na comunidade, entretanto, carece de elementos culturais únicos do povo caiçara que vive na Ilha Grande, revelando, assim, uma despreocupação quanto a este tema. Os compromissos e desafios para sanar a evasão escolar e alcançar melhores índices nas avaliações, de larga escala, são pertinentes, porém não é perceptível a identidade cultural da escola e tão pouco da comunidade atendida. Apesar de constar no documento a seguinte designação nos objetivos da Escola: "promover integração escola-comunidade", entre outros. No campo específico da Geografia, no §13 Síntese dos Objetivos Programáticos do 1º Ano, a única preocupação é centrada na grande área: marxismo na Rússia, socialismo na Alemanha, capitalismo e indústria; 2º Ano: industrialização e governo Juscelino, crescimento urbano, problemas sociais, agricultura comercial, desmatamento; no 3º Ano: conflitos raciais e religiosos no mundo, guerras civis no mundo, espaço geográfico e a destruição da natureza, propriedades agropecuárias, conflitos ambientais e sociais, justiça e advogados de defesa.

Por se tratar de um PPP de 10 anos atrás, é possível que esteja desatualizado, até mesmo com as poucas diretrizes da BNCC (2018) acerca deste tema. Entretanto, na visita ao Colégio, o diretor escolar salientou que a equipe pedagógica da escola, com o auxílio de uma equipe especializada da Universidade Federal Fluminense (UFF), atualmente, está trabalhando e construindo um novo PPP, pensando na Educação do Campo.

Sobre Educação do Campo, entre outras modalidades, tais como, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância, atendendo às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais, as proposições da BNCC devem ser "adequadas à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos" (BNCC, 2018, p. 17). Isto significa que as instituições e seus professores possuem autonomia para planejar os currículos anuais com liberdade para o ensino local no qual cada escola está inserida.

Sendo assim, no capítulo seguinte, trata-se da abordagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação ao tema desta pesquisa.

3.2. ANÁLISE DE COMO A BNCC ARTICULA OS CONHECIMENTOS E HABILIDADES RELACIONADOS AOS POVOS ORIGINÁRIOS/TRADICIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A BNCC por si só contempla, articula e tem como função agregar no âmbito federal e regulamentar as políticas educacionais existentes nas outras esferas da república. Sua proposta é valorizar e utilizar os conhecimentos construídos historicamente advogando uma sociedade mais justa e inclusiva, enaltecendo as produções artísticas, culturais e sociais ou aquilo que podemos chamar de governo das diferenças.

Tratando-se de um documento normativo que almeja conduzir e governar todas as diferenças existentes, ela apresenta as orientações quanto aos conteúdos e as habilidades que devem ser trabalhadas com os alunos. É uma orientação para nivelar o país, para que nenhum Estado fique aquém ou além, para que todos os estudantes tenham direitos iguais. Por isso, os conhecimentos e habilidades relacionados aos povos originários/tradicionais estão permeados e incluídos nesse documento, procurando disseminar o respeito às diferenças e às diversidades. Entretanto, a forma de articular esses conhecimentos, habilidades e competências vão tangenciando o que, de fato, faz parte dos povos originários e tradicionais, afinal, tanto os objetos de conhecimento quanto às habilidades são sugeridas somente para o Ensino

Fundamental, de forma vaga e superficial, deixando o modo de vida desses povos limitado à discussão e à mercê dos professores de Geografia, se querem ou não incluir o tema em seus planejamentos curriculares.

Nota-se que para o ensino e aprendizagem desses povos há um curto espaço de tempo intitulado "bimestre", isto é, tais conhecimentos só entram em circulação na dinâmica escolar, oficialmente, a partir do 4º ano do Ensino Fundamental, além disso, o conteúdo só é visto novamente no 5º e posteriormente apenas no 7º ano. Isso ocorre porque, em primeiro lugar, esse documento normativo foi produzido por especialistas na área de educação e gestores, todavia, a consulta e a construção desse documento não passaram pelas considerações e contribuições próprias dos povos originários/tradicionais citados como objeto de conhecimento apresentado pela BNCC (2018). Isso pode gerar uma dificuldade dos saberes mencionados na Base Curricular com a realidade própria desses povos. Contudo, é importante salientar que na BNCC (2018) há várias sugestões de habilidades a serem trabalhadas onde qualquer conteúdo pode ser adaptado e trabalhado, justamente adaptando à realidade regional. De modo geral, quanto ao ensino de Ciências Humanas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, espera-se que:

No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra nos processos de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, das diferenças em relação ao Outro e das diversas **formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas**. Para tanto, prevê que os estudantes explorem conhecimentos próprios da Geografia e da História: temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade (de raça, religião, tradições étnicas etc.), **modos de organização da sociedade e relações de produção, trabalho e poder**, sem deixar de lado o processo de transformação de cada indivíduo, da escola, da comunidade e do mundo (BNCC, 2018, p. 561, grifo nosso).

No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer **diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –**, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (BNCC, 2018, p. 562, grifo nosso).

Desse modo, podemos classificar o ensino de Geografia com ênfase nos povos originários e tradicionais com mais apropriação para estudos de espaços locais, nas seguintes habilidades e conteúdos:

Quadro 1 – Conhecimentos e habilidades relacionados aos povos originários/tradicionais no Ensino

COMPONENTE	ANO/FAIXA	UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETIVOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Geografia	1º EF	O sujeito e seu lugar no mundo	O modo de vida das crianças em diferentes lugares	(EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivênci (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.
Geografia	2º EF	Conexões e escalas	Experiências da comunidade no tempo e no espaço. Mudanças e permanências	(EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive , reconhecendo a importância d respeito às diferenças.
Geografia	3º EF	Natureza, ambientes e qualidade de vida	Produção, circulação e consumo Impactos das atividades humanas	EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo. (EF03GE02) Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens. (EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distinto lugares.
Geografia	4º EF	O sujeito e seu lugar no mundo	Território e diversidade cultural	(EF04GE01) Selecionar, em seus lugare de vivência e em suas histórias familiare e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afrobrasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.
Geografia	5º EF	O sujeito e seu lugar no mundo	Diferenças étnicoraciais e étnicoculturais e desigualdades sociais	(EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.

Geografia	7º EF	Conexões e escalas	Formação territorial do Brasil	(EF05GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e d cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.
-----------	-------	--------------------	--------------------------------	--

Fundamental e Ensino Médio de Geografia na BNCC

Geografia	7° EF	Conexões e escalas	Características da população brasileira	(EF05GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnicocultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.
-----------	-------	--------------------	---	---

Fonte: A autora, com base na BNCC (2018).

Outro fator decorrente das questões mencionadas é que, na ausência de compreensão desses espaços de adaptação pelos professores e suas instituições, pode-se deixar, de alguma forma, o conhecimento dos povos originários como um conhecimento marginalizado, assim como, a produção dos saberes que diz respeito aos povos originários/tradicionais, pois, a grande maioria das orientações da BNCC (2018) são saberes produzidos por especialistas da educação que não são indígenas e quilombolas. Sendo assim, no quadro anterior é possível observar que a BNCC (2018) limita-se a cartografar os povos originários/tradicionais com pouca articulação com os demais saberes, conhecimentos e conceitos próprios da Geografia. Ou seja, limita-se apenas no reconhecimento territorial desses povos, restringindo tanto outros conceitos para apreensão desses povos, assim como, os conhecimentos e as habilidades dos povos originários como saberes marginalizados no documento. Além disso, o termo *caçara* é visto apenas na habilidade (EF05GE03) que assim diz:

Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades (BNCC, 2018, p. 387).

Por fim, no Ensino Médio, não há nenhuma articulação desse conhecimento específico e habilidades, limitam-se nas produções capitalistas e do agronegócio que podem afetar as vidas desses povos originários/tradicionais.

3 ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE GEOGRAFIA

A entrevista foi realizada no dia 26 de maio de 2022 com o professor Lucas Azevedo² de Geografia no Colégio Estadual Brigadeiro Nóbrega. O objetivo da

2

Este nome é fictício e foi escolhido para preservar a identidade do docente

entrevista foi analisar se ele considera relevante ensinar questões culturais na sala de aula e se o ensino de geografia tem valorizado a cultura local, posteriormente, refletir as informações pesquisadas a partir do questionário em anexo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado da entrevista que o professor Lucas Azevedo (único professor de Geografia no Colégio) concedeu para esta pesquisa em 2022, juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido assinado, evidenciou que o docente é formado com Licenciatura em Geografia (UGB/2009), mas não possui nenhuma Especialização e a justificativa apresentada é que o mesmo se graduou após os 30 anos. Desta forma, havia certa dificuldade em seguir carreira acadêmica por algumas questões pessoais que não o favorecem. Segundo ele:

“Eu fui operário a maior parte da minha vida, trabalho desde os 18 anos de idade e tenho 48 anos. 30 anos trabalhando, só 12 anos é que eu sou professor, então 18 anos da minha vida eu fui operário, trabalhei dentro de uma indústria, diversos tipos de atividades dentro da indústria. Quando a gente consegue fazer uma faculdade já é uma grande coisa, na minha idade mais ainda, pois eu tinha mais de 30 anos, já era pai de dois filhos então... Muito complexo. Não tem tempo para fazer outras formações acadêmicas [...]” (AZEVEDO, 2022).

Em suas falas, o professor demonstrou que reconhece a importância de adaptar as habilidades da BNCC (2018) à realidade do aluno na sala de aula, visto que a Geografia se trata de uma disciplina fundamental para refletir o espaço em que vivem. “O aluno passa a confiar mais em você quando o que você tá ensinando ali, ele enxerga que tem relação com a realidade.” (AZEVEDO, 2022). Quando perguntado se buscava formação sobre o tema, ele respondeu:

No momento está tendo um Curso de Formação Continuada em Educação do Campo, acontece uma vez por mês e é ministrado pelo professor Leonardo³ da Universidade Federal Fluminense. O intuito do curso é nos capacitar para construirmos um novo PPP para a escola, direcionado a educação no campo. (AZEVEDO, 2022).

Azevedo (2022) enfatiza o quanto ainda é necessário este estudo, dado que, em sua visão, um dos papéis da escola também é contribuir para que as pessoas possam compreender melhor o mundo que as cercam. Além disso, ele demonstra

3

Este nome é fictício e foi escolhido para preservar a identidade do docente.

satisfação em saber que, através deste curso, poderá conhecer melhor a cultura local e assim criar uma ponte entre a escola e a comunidade:

Considero importante pela questão de pertencimento e lógica de identidade. Quando você sabe quem você é as coisas são bem diferentes, entendeu?! Então é... O que eu penso é isso. As pessoas tem que ter consciência de quem é, da classe que pertence. A maior parte das nossas escolhas, as coisas que a gente faz, principalmente politicamente, se a pessoa não tiver passado por este ensino antes ela pode fazer péssimas escolhas. Não apenas em questão de votos. Então é importante a gente falar das identidades dos povos, para que esses povos possam se defender culturalmente. Defender suas ideias e seus costumes. (AZEVEDO, 2022).

Embora o docente considere importante abordar a cultura caiçara no espaço escolar, segundo ele, admite que existem alguns materiais voltados para a questão cultural do povo caiçara no Colégio, admite que nunca procurou se aprofundar no assunto, através desses materiais:

Tem alguns materiais, algumas coisas ali, tinha até DVD, essas coisas ali. Mas, confesso que eu mesmo nunca mexi. Não mexi em nada ali. Acho que foram materiais de formações anteriores de outros momentos e eventos. (AZEVEDO, 2022).

Ainda que assuma não ser qualificado para trabalhar tal tema com os alunos, o professor ratifica que só tem buscado este conhecimento através do curso de formação continuada que ocorre no colégio “[...] não me sinto capacitado. Estou aprendendo sobre a cultura agora através do curso de formação continuada” (ibidem, 2022). Desta forma, percebemos que o docente compreende a importância de abordar a questão cultural em sala de aula, porém, não percebe a urgência de valorizar a cultura local. Sendo assim, o aprendizado a respeito da cultura, na qual a escola está localizada, ainda demanda de muitas ações. Ações que possam refletir a teoria, desenhada pelo professor:

Dentro da Geografia fala sobre sobre questões de pertencimento, dentro da geografia a gente fala sobre como o homem vai se relacionar com o espaço,

sobre conceito de lugar, que é um conceito que envolve a questão do território mas se envolve também a questão afetiva sobre o território. Entendeu?! Sobre seu lugar de origem, sua cidade natal, espaço que você gosta. Então, acho que a geografia ajuda a compreender o espaço e o povo também (AZEVEDO, 2022).

Isso demonstra que o ensino de Geografia, atualmente no Colégio Estadual Brigadeiro Nóbrega, não tem valorizado a cultura local no âmbito escolar, justamente pela falta de qualificação profissional - não apenas do professor Lucas Azevedo, mas também de toda equipe pedagógica. Entretanto, percebe-se que a gestão atual da escola tem se preocupado com esta questão e está se organizando para que esta valorização ocorra de forma fugaz, como já foi dito anteriormente.

5 O ENSINO DE GEOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA CULTURA CAIÇARA A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

A metodologia proposta pelo ensino da Geografia, por meio dos princípios da Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani (2005) e da didática de João Luiz Gasparin (2005), visa valorizar a cultura caiçara local, mediante uma aprendizagem significativa (Ausubel, 1982). Esta valorização pode ocorrer no âmbito escolar por meio de atividades a serem desenvolvidas pelo docente, a fim de buscar noções de pertencimento, destacar a identidade singular dos caiçaras, valorizar os conhecimentos prévios dos alunos - a partir dos conteúdos relatados em sala de aula, proporcionando-os questionamentos do conteúdo, de acordo com a sua realidade, transformando em conhecimento científico, uma vez que, o trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática, pois está ligada às concepções sociais e a experiência de vida dos alunos, segundo José Carlos Libâneo (2013).

A pedagogia Histórico-Crítica é um campo de estudo, proposto aos profissionais de educação a refletir e discutir caráter histórico aos estudantes, aproximando do conhecimento pelo ensino-aprendizagem, através da realização de um planejamento escolar. De acordo com Saviani (2005), houve críticas à pedagogia tradicional, dando surgimento a pedagogia nova, esboçando na pedagogia histórico crítica, centrando na igualdade entre os homens, prática social, a qual durante o processo de aprendizagem, o conhecimento do professor e aluno, fazem ligação entre o conteúdo

e realidade. A problematização busca identificar os problemas em suas várias dimensões histórica, social, política, estética e religiosa, ressaltando discutir problemas encontrados e a sua ligação com o conteúdo científico. Para Steimbach (2008), a instrumentalização é a prática de resolver o problema, utilizando instrumentos teóricos, culturais e científicos, a qual o educador necessita para transformar, melhorar, e modificar os conhecimentos espontâneos mostrados na prática social inicial. A catarse trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais transformados agora em elementos ativos de transformação social (Gransci, 1978, p. 53, apud Saviani, 2005, p. 57). Nesse processo, o aluno compreende o conteúdo e enriquece seus conhecimentos prévios, a partir de novas práticas e novas ações em relação ao seu dia a dia. A prática social final é a ação do aluno na sua realidade em relação ao conteúdo “vivido, problematizado, teorizado e sintetizado mentalmente” (Steimbach, 2008, p. 5). A pedagogia histórico-crítica é uma corrente pedagógica crítica da educação, uma teoria do movimento da realidade que busca captar o movimento objetivo do processo histórico” (Saviani, 2005, p. 8.), tendo como filosofia o materialismo histórico-dialético.

A partir do ensino da Geografia, pode-se desenvolver análises críticas, que destaquem e interpretem a realidade e as transformações ocorridas pelas dinâmicas da Ilha. É latente que através da utilização de materiais escolares voltados à cultura local e elaborações de sequências didáticas à partir do apoio de Zabala (2015) possa demonstrar que é possível viver neste meio urbanizado, sem abandonar suas próprias raízes e características culturais, não permitindo que as memórias sejam apagadas pelo desenvolvimento econômico e social. Quando se trata de aprender conteúdos, seus significados vão além do que ensinar e dão sentido ao porquê ensinar. Dessa forma, eles finalmente incluem os objetivos educacionais e definem suas ações no contexto concreto do ambiente de sala de aula. Esses conteúdos assumem o papel de envolver todas as dimensões da pessoa caracterizando os seguintes tipos de aprendizagem: factual e conceitual (o que devemos aprender?); procedimento (O que fazer?); e a relação (o que deveria ser?). Sobre o conceito de aprendizagem, Zabala (1998) afirma que não é possível ensinar sem focar nos relatos de como os alunos aprendem, chamando a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno.

É conveniente buscar por aulas diferenciadas, sejam elas visuais, por meio de debates, através de recursos tecnológicos ou até mesmo expositiva, contudo, sem

negligenciar o fato de que cada aluno possui um modo singular de aprender. É fundamental que o docente não se limite apenas a aulas expositivas mas também elabore em grupos ou duplas nas quais os alunos possam aprender uns com os outros. Desta forma haverá mais interação entre o professor e os estudantes, incentivo, busca pelo conhecimento e melhoramento do aprendizado, além de maior interpretação e compreensão do aluno ao seu contexto cultural. A finalidade é proporcionar atividades de ensino aprendizagem que valorizem a história e a cultura, que auxiliem os estudantes nativos da Ilha a se descobrirem enquanto caiçaras. A geografia pode ser utilizada de forma ampla, atendendo às particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno, mediante a estudos para mapeamento, oficinas pedagógicas, mini eventos culturais dentro do ambiente escolar, trabalhos de campo, no entanto sempre prezando em contribuir para que o estudante participe de forma coletiva, e enriqueça seu conhecimento sobre o conteúdo abordado.

Estes caminhos podem abrir portas para desenvolver a criatividade e colaboração sobre a aprendizagem cultural, ministrado de culturas tradicionais caiçaras, livros didáticos que possuem a contextualização das comunidades tradicionais, acentuando principalmente a caiçara e suas ilustrações, por fotos, mapas e gravuras para melhor aprendizagem, objetivando a análise crítica sobre o estudo. Além disso, atividades que explorem tecnologias digitais como a ferramenta Google Earth, igualmente podem abrir caminhos para que os docentes interajam mais com os alunos, como também possibilita novos saberes geográficos sobre a comunidade caiçara local e até lugares mais distantes, estimulando-os aos conhecimentos das culturas tradicionais e desenvolvendo a noção geográfica e espacial cartográfica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou este trabalho de pesquisa, constatou-se que há muitos anos, as comunidades tradicionais caiçaras vêm sofrendo mudanças contínuas por causa do avanço do desenvolvimento capitalista em seu território. Estas mudanças, destacadas por noticiários e pesquisas acadêmicas, acontecem de acordo com os interesses do capital, principalmente do que vem por meio do turismo. Desta forma, a população precisa se adaptar às novas práticas sociais, para se moldar as dinâmicas socioespaciais e pela sobrevivência, aos ciclos econômicos da região. Por consequência dos interesses econômicos e capitalistas, há uma desvalorização da

cultura e, portanto, o histórico-cultural caiçara carece de resgate. Assim, é necessário estudar sobre o Ensino de Geografia como Instrumento de Valorização e Permanência da Representação da Cultura Caiçara na Baía da Ilha Grande/RJ.

Nessa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo geral contribuir para a valorização da cultura caiçara por meio do ensino de Geografia e este objetivo geral foi atendido, pois efetivamente o trabalho conseguiu apontar para falhas e para caminhos onde a cultura caiçara seja valorizada no âmbito escolar. Quanto ao primeiro objetivo de analisar documentos oficiais como o Projeto Político Pedagógico do Colégio, a fim de verificar se o documento que rege a escola foi construído pensando na Educação do Campo, conseguiu-se verificar que o documento de 2012 carece de atualização, tendo como resultado a carência de elementos culturais únicos do povo caiçara que habita na Ilha, o que revelou a desvalorização quanto a este tema. Quanto ao segundo objetivo de investigar como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) articula os conhecimentos e habilidades relacionados aos povos originários/tradicionais, no ensino de Geografia, este objetivo também foi alcançado, demonstrando que a BNCC limita-se a cartografar os povos originários/tradicionais com pouca articulação com os demais saberes, conhecimentos e conceitos próprios da Geografia, limitando-se apenas no reconhecimento territorial desses povos, restringindo tanto outros conceitos da Geografia para apreensão desta população, assim como, os conhecimentos e a habilidades dos povos originários como saberes marginalizados no documento. Quanto ao terceiro objetivo específico de entrevistar um professor da região da Baía da Ilha Grande, a fim de observar se possui especialização adequada para trabalhar esta temática e se considera importante abordá-la em sala de aula, conseguiu-se uma boa entrevista que rendeu uma análise para os resultados adquiridos.

A pesquisa partiu da hipótese de que a cultura caiçara da Ilha Grande está em processo de desvalorização, tendo em vista que os descendentes atuais já não praticam mais os costumes da cultura como antigamente, por estarem cada vez mais inseridos no meio urbano, portanto, questionou-se: como o ensino de Geografia pode ser usado como instrumento na valorização e permanência da representação da cultura caiçara, entre estudantes da Baía da Ilha Grande/RJ? Contudo, durante o trabalho, na análise de uma entrevista realizada com o professor de Geografia do Colégio Estadual, constatou-se que existe uma necessidade de maior conscientização teórica e prática quanto ao esquecimento do ensino da cultura dos caiçaras; existe algum material didático no próprio Colégio que precisa ser revisto e atualizado, mas

sobretudo, utilizado; existe a necessidade de uma prática pedagógica urgente. Quanto a isso, não existe nenhuma ação ou projeto pedagógico no período deste trabalho, mas um Curso de Formação Continuada em Educação do Campo. O que significa que há alguma perspectiva de, a partir de novas observações, e até mesmo desta presente pesquisa, seja construído um novo PPP com mais ênfase nas habilidades da BNCC (2018) que contemplam o ensino da cultura local e que ultrapassem essas habilidades, ampliando as ações práticas para a valorização da cultura local. A tempo, durante este percurso investigativo, descobriu-se caminhos nos quais o ensino de Geografia pode ser utilizado como instrumento de valorização, auxiliando o indivíduo a compreender sua formação cultural em diferentes gerações durante sua vivência. Nesse sentido, se tratando da educação, cabe aos educadores: conduzir os discentes no ambiente escolar para a descoberta de si mesmos enquanto caixas; interagir com ensino aprendizagem no contexto currículo escolar; abordar o significado de cultura com seus valores e crenças, na sustentação de construir pensamentos críticos da diversificação cultural na educação, fundamentando-se na teoria e a prática da docência. A prática de ensinamento cultural e suas diversidades no ambiente escolar, pode apresentar como resultado dentre as disciplinas ministradas aos alunos, a percepção e o entendimento da diversidade cultural e histórica em diferentes contextos.

A utilização de ferramentas didáticas pedagógicas, por intermédio dos docentes, pode oportunizar aos alunos o desenvolvimento de uma postura ética, não somente sobre sua cultura própria, mas também sobre os diferentes grupos sociais, reduzindo o preconceito e dinamizando o conhecimento sobre os mais variados comportamentos, culturas e saberes, percebendo o envolvimento cultural que o ambiente escolar promove, correlacionado o conteúdo e a cultura do seu cotidiano. Além disso, vale dedicar-se a elaborações de propostas pedagógicas de ensinamentos culturais, não somente na disciplina de geografia, mas nas demais disciplinas do currículo escolar, e apresentar como resultado aos discentes e docentes uma melhor integração ao conteúdo e a compreensão sobre a cultura e seu valor na sociedade.

Todas as propostas pedagógicas citadas nesta pesquisa, por meio do ensino de geografia, possuem a intenção de apontar caminhos para cultivar e principalmente valorizar a representação da cultura caixara local, pois desta forma, os estudantes poderão começar a observar de forma crítica as dinâmicas territoriais que ocorrem na Ilha diariamente. Estas atividades também possuem potencial para reforçar o contexto

histórico local, delimitações de território, aspectos sociais, econômicos e maior questionamento sobre a realidade dos estudantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Cristina. **As Populações Caiçaras e o Mito do Bom Selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar**. Revista de Antropologia, 43(1), 2000.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.
- ARRUDA, André. **As transformações e dificuldades no estilo de vida e cultura dos pescadores Caiçaras de Ubatuba**. Mackenzie, Adelpha Repositório Digital. Centro de Comunicação em Letras/Jornalismo. TCC, 2019. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/29466>. Acesso em: 25 jun 2022.
- BARROS, Ana Angélica Monteiro de; RIBAS, Leonor de Andrade; MACHADO, Davi Nepomuceno da Silva. **Exóticas no paraíso: translocações de plantas e conservação da biodiversidade na Ilha Grande, RJ**. Revista Ineana Especial, 2022, pp. 6-39. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Davi-Machado/publication/361439298_Exoticas_Ilha_Grande/links/62b199c889e4f1160c8fde9d/Exoticas-Ilha-Grande.pdf. Acesso em: 25 jul 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em:
- CANDAU, Vera Maria (org.) **Sociedade, Educação e Cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARVALHO, H. M. **A Educação como Instrumento de Luta Territorial Caiçara no Município de Paraty**. Simpósio Nacional de Geografia Urbana: sismpurb, 2019.
- CIRINO, Giovanni. **Horizontes de devoção: paisagens culturais e diacronia no litoral norte de São Paulo**. PISTA: Periódico Interdisciplinar [Sociedade, Tecnologia, Ambiente]. Vol. 4, n. 1, 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/28794>. Acesso em: 25 jul 2022.
- FERREIRA, Ana Caroline dos Santos Ferreira; PONTES, Daniele Regina. **Repercussões socioambientais no planejamento urbano do município de Guaraqueçaba/PR: olhares decoloniais a partir da visibilidade dos territórios caiçaras**. Santa Catarina: XX Encontro Nacional da ANPUR. SC/BRASIL, 2022. Disponível em: https://www.sisgeenco.com.br/anais/enanpur/2022/arquivos/GT4_SEM_892_656_20211216164841.pdf. Acesso em: 25 jul 2022.
- FREITAS, E. **O ensino da geografia no Brasil ao longo da história**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/o-ensino-geografia-no-brasil-ao-longo-historia.htm>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FUHRMANN, Leonardo. **A luta dos caiçaras para não perder heranças do passado após ver terras virarem reservas ou condomínios.** Brasil: BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46243374>. Acesso em 23 jun 2022.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico–Crítica.** 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

POLLICE, Fabio. **O papel da identidade nos processos de desenvolvimento local. Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro: UFRJ, n. 27, p. 7-23, jan./jun. de 2010.

Disponível em:

<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3539>. Acesso em: 25 jun 2022.

Portal do Jornal O ECO - Jornal da Ilha Grande. Disponível em: <https://oecoilhagrande.com.br/>. Acesso em: 23 jun 2022.

Portal do IBGE (2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/ilha-grande.html>. Acesso em: 23 jun 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica, primeiras aproximações,** 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Marcelo L. de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, Iná, E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Penso Editora, 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1998.

ANEXO – ENTREVISTA COM O PROFESSOR

1. Qual sua área de formação? Em qual instituição se formou? Há quanto tempo?

Sou formado em Geografia Licenciatura, me formei na UGB em Volta Redonda na Instituição Privada. Eu me formei em 2009.

2. Desde quando atua como docente?

Desde que me formei em 2009.

3. Possui alguma especialização acadêmica em temáticas culturais? Se sim, quais? Quando e onde realizou a especialização?

Não, não... Eu fui operário a maior parte da minha vida, trabalho desde os 18 anos de idade e tenho 48 anos. 30 anos trabalhando, só 12 anos é que eu sou professor então 18 anos da minha vida eu fui operário, trabalhei em dentro de uma indústria, diversos tipos de atividades dentro da indústria. Quando a gente consegue fazer uma faculdade já é uma grande coisa, na minha idade mais ainda pois eu tinha mais de 30 anos, já era pai de dois filhos então... Muito complexo. Não tem tempo para fazer outras formações acadêmicas. A sua geração já vai crescer em um ambiente mais favorável, vocês já têm mais habilidades para fazer este tipo de coisa. Por exemplo, fazer um curso à distância para mim, é penoso, é muito penoso. Igual essa formação aí pra mim (curso de formação continuada em educação no campo que tem acontecido no Colégio uma vez por mês) é ótimo, eu fico ali, eu tô ali. Se fosse on-line... No começo teve on-line e eu não consegui acompanhar. Não consigo...

4. Já atuou em outras modalidades de ensino que não o Ensino Médio? Se sim, em quais?

Não. Somente ensino básico.

5. Para você, é importante adaptar as habilidades da BNCC à realidade do aluno na sala de aula?

Sim. Têm que ser né?! Acho que principalmente no ensino de Geografia, têm que ser. Eu acho que o aluno passa a confiar mais em você quando o que você tá ensinando ali, ele enxerga que tem relação com a realidade. Igual o primeiro ano agora, o ensino de cartografia né? Que é uma coisa assim... Você tem que mostrar para o aluno, convencer ele a entender que a produção cartográfica não é uma invenção, apesar de parecer uma produção artística, tudo aquilo ali têm a base de dados para ser conferidas antes, tem que se fazer pesquisas, tem que ir a campo, para depois de compor todas essas bases de dados poder fazer um mapa, entendeu? Então você imagina o cara vai fazer um mapa de relevo aí você acha o que, que ele vai se basear em que pra poder fazer? Ele tem que saber tudo porque senão como ele vai pintar ou mostrar num mapa onde é mais alto, onde é mais baixo? Então mostrar para eles a relação entre o externo e o interno, né? É um fragmento dentro do todo, né? E como fragmento às pessoas tendem a não considerar esse fragmento como uma continuidade no espaço, mas um território à parte, isolado, entendeu?!

6. Existe projeto para a formação continuada dos professores nesta escola? A questão cultural local é trabalhada nestes projetos? Se não tem, você acha importante que a escola ofereça cursos assim? Quais temáticas você considera importante?

Sim. No momento está tendo um curso de formação continuada em educação no campo, acontece uma vez por mês e é ministrado pelo professor Leonardo da Universidade Federal Fluminense. O intuito do curso é nos capacitar para construirmos um novo PPP para a escola, direcionado a educação no campo. É importante pois é para isso que serve a escola, para ajudar as pessoas a entenderem o mundo que cerca elas. Se não é isso, para que então? Esta temática nos ajuda a compreender melhor o restante da comunidade é... Eu acho que tudo nesse sentido vai construir uma ponte entre a gente e o restante da comunidade escolar é... É bom, né?! Mas não me vem agora em mente nenhum outro curso de especialização, não.

7. No Colégio Estadual Brigadeiro Nóbrega existem materiais didático-pedagógicos voltados para a questão cultural do povo caiçara? Quais? Se não, você conhece materiais que tratam desta temática?

Então... Tem um material de referência. Ali onde estávamos entrando, você viu algumas estantes ali? Tem alguns materiais, algumas coisas ali, tinha até DVD essas coisas ali. Mas confesso que eu mesmo nunca mexi. Não mexi em nada ali. Acho que foram materiais de formações anteriores de outros momentos e eventos.

8. Você considera importante abordar a cultura caiçara no espaço escolar? Por que?

Considero importante pela questão de pertencimento e lógica de identidade. Quando você sabe quem você é as coisas são bem diferentes, entendeu?! Então é... O que eu penso é isso. As pessoas tem que ter consciência de quem é, da classe que pertence. A maior parte das nossas escolhas, as coisas que a gente faz, principalmente politicamente, se a pessoa não tiver passado por este ensino antes ela pode fazer péssimas escolhas. Não apenas em questão de votos. Então é importante a gente falar das identidades dos povos, para que esses povos possam se defender culturalmente. Defender suas ideias e seus costumes.

9. Em seu ponto de vista, a geografia pode contribuir para a valorização desta cultura? Como?

Dentro da geografia fala sobre sobre questões de pertencimento, dentro da geografia a gente fala sobre como o homem vai se relacionar com o espaço, sobre conceito de lugar, que é um conceito que envolve a questão do território mas se envolve também a questão afetiva sobre o território. Entendeu?! Sobre seu lugar de origem, sua cidade natal, espaço que você gosta. Então acho que a geografia ajuda a compreender o espaço e o povo também. No momento estamos procurando valorizar a cultura caiçara através do ensino aqui no Colégio.

10. Você já realizou ou pensou em levantar propostas de projetos pedagógicos voltados a cultura caiçara no âmbito escolar? Considera isso importante?

Não, pois não me sinto capacitado. Estou aprendendo sobre a cultura agora através do curso de formação continuada. Sim, é importante, como eu já havia dito, é importante abordar estas temáticas no colégio pela questão de pertencimento.

11. A implantação da BNCC pode influenciar a valorização da cultura caiçara?

Não vejo como. Sabe por que? Os desenhos do que se pretende não são muito bem claros. Eu estou querendo descobrir qual será exatamente o papel. Eu me sinto confortável porque assim... Acho muito incompleto. Estamos falando do mundo, estamos falando de coisas que você toca, é palpável, visível. Quando comecei a fazer o curso e enxergar o meu redor, meu olhar mudou, mas eu percebi que na verdade não era a mudança do olhar mas o formato pelo qual estava olhando. Eu comecei a enxergar o nome das coisas pelas quais eu já sentia mas não identificava. Então eu acho que o bom da geografia é isso nas ciências humanas. Mas é muito nebuloso o que eles querem. Não se entende muito bem. Eu sinceramente to “panguando” ainda.

ANEXO –MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, requisito parcial para a aprovação no Curso de Geografia, grau Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), de Foz do Iguaçu – PR, intitulada: O ENSINO DE GEOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO E PERMANÊNCIA DA CULTURA CAIÇARA NA BAÍA DA ILHA GRANDE – RJ. **Pesquisadora:**

Lilliam Domingos da Silva

Tel.: (45) 8431-8701

E-mail: ld.silva.2018@aluno.unila.edu.br

Orientadores:

Marcelo Augusto Rocha

Tel. (45) 99977-4154

E-mail: Marcelo.rocha@unila.edu.br

Laura Amato

Tel.: (45) 9901-7272

E-mail: laura.amato@unila.edu.br

Local de realização da pesquisa:

Curso de Geografia Licenciatura. Universidade Federal da Integração LatinoAmericana (UNILA). Avenida Silvio Américo Sasdelli, 1842 - Bairro Itaipu A, Ed. Com.

Lorivo - Foz do Iguaçu – PR. Tel. (45) 3522-9732. Site: <https://portal.unila.edu.br/>

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Apresentação da pesquisa.

1. Você está convidado a participar de uma pesquisa em nível de Graduação Acadêmica desenvolvida pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que busca investigar como o ensino de geografia pode ser usado como instrumento na valorização e permanência da cultura caiçara entre estudantes da Educação Básica da Baía da Ilha Grande – RJ.

2. Objetivos da pesquisa.

Objetiva-se contribuir para a valorização da cultura caiçara por meio do ensino de Geografia.

3. Participação na pesquisa e Confidencialidade.

Ao participar deste estudo você será solicitado a responder algumas perguntas sobre a temática da pesquisa. As suas respostas serão computadas e os dados fornecidos serão utilizados apenas para as finalidades de análise como parte da pesquisa de TCC e estarão protegidos pelo sigilo. Apenas eu e os/as orientadores teremos acesso

ao questionário e em eventual divulgação de resultados não serão mencionados seu nome ou outros dados que possam identificá-lo(a).

4. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Você tem a liberdade de não participar e pode, ainda, caso concorde em participar, interromper sua participação em qualquer fase da pesquisa sem qualquer prejuízo. Você tem a liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre o estudo contatando os contatos apresentados no início desse formulário.

Do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo e a natureza, relacionados a este estudo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Foz do Iguaçu, 23 de Maio de 2022.

Pesquisadora

Professor de Geografia

Diretor do Colégio